

O palhaço pára-quedas: reflexões sobre a arte circense no município de Bauru – SP (Brasil)

Talita Ribeiro Maciel¹, Rosa Maria Araújo Simões²

Abstract — *This biographical and bibliographical research aimed understanding the circus and its clowns. The origin of the circus is presented taking into account its earliest manifestations in ancient Greece, until the creation of the modern circus in 1970 by Englishman Philip Astley. The clown, who was introduced in 1778 only after the circus has become an essential figure in the show, coming to represent the modern circus. Here, the different types of clowns are presented and their main characteristics are shown as a way to differentiate between them. The difficulties faced by circus companies are pointed, trying to understand the reduction of circus companies. To understand the formation and transformation of the clown in his years at the profession, the Clown Pára-quedas, artist of Bauru / SP was interviewed, their stories help to unravel some of the satisfactions of the profession and the problems faced by circus performers.*

Index Terms — *circus; clowns; profession.*

INTRODUÇÃO

O estudo da vida e carreira do Palhaço Pára-quedas é uma abordagem biográfica de um artista de circo da cidade de Bauru. A análise da trajetória deste artista busca responder questões sobre a situação do palhaço e sua busca por melhores condições de vida. Aqui a profissão será colocada em evidência, questões tais como: um profissional que é tão conhecido na cidade acaba colocando a profissão que exerceu durante cinquenta anos em segundo plano? Quais os motivos que o fizeram tomar esta iniciativa? Será que não é este motivo que tem deixado o comico como coadjuvante nos espetáculos circenses, perdendo seu papel de atração principal? Procura-se com esta pesquisa achar algumas respostas para estas perguntas e, ao final, entender como se exerce a profissão de palhaço.

A partir da biografia do palhaço Pára-quedas, constatou-se seus meios de atuação do e sua situação atual no circo. Outro ponto analisado são recursos dramáticos, interpretação, encenação, perspectivas. Para não se prender apenas ao lúdico, a pesquisa considerou também aspectos sócio-antropológicos da profissão.

Portanto, para se aprofundar mais no tema circo e palhaços, foram realizadas pesquisas bibliográficas

específicas sobre o tema e transversais tais como: a abordagem sobre cultura popular, interpretação dos diversos meios de comunicação, além do registro audiovisual das entrevistas.

Há uma breve passagem pela história do circo, desde suas primeiras referências na Grécia Antiga, até a criação do circo moderno, nele está abordada a entrada do palhaço no circo e seu desenvolver durante todos estes séculos de espetáculo. Estão descritos as diferentes categorias de palhaços que atuam em circos, ruas, hospitais, entre outros. Seus recursos dramáticos, características, vestimentas são analisados como fatores de diferenciação e classificação.

A partir da análise dos diversos tipos de palhaços, a sociedade e sua visão do artista circense são colocadas como fator de aceitação e discriminação junto a eles. Nele, suas dificuldades como nomadismo, remuneração e aceitação social são relatados por diferentes autores e artistas circenses. Para finalizar a pesquisa a biografia do palhaço Pára-quedas é descrita de maneira que este exemplo sirva de apoio para a compreensão do desenvolvimento da profissão de palhaço.

MÉTODO

Para conhecer as origens e evoluções do circo moderno, e sua relação com o palhaço foi feita uma pesquisa bibliográfica. Para compreender a especificidade do trabalho do palhaço foram entrevistados Raul Barreto do Circo Roda Brasil, proprietário e palhaço do referido circo, o qual esteve instalado no município de Bauru em novembro de 2006 e também, neste mesmo ano, foi entrevistado o palhaço Pára-quedas residente no município de Bauru/SP. Seus relatos orais foram gravados em arquivo de mp3 e imagens em arquivos digitais e seus discursos foram transcritos para posteriores análises.

Os relatos analisados são organizados de maneira que completem pensamentos de autores citados durante a pesquisa e, contribua de maneira mais efetiva o entendimento da profissão de palhaço.

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O CIRCO

O espetáculo conhecido como circo, tem como raízes os hipódromos da Grécia antiga e o Império romano. Segundo

¹ Talita Ribeiro Maciel. Graduada em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru - SP, Brasil, talitamaci@professor.sp.gov.br

² Rosa Maria Araújo Simões. Docente do Departamento de Artes e Representação Gráfica – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP/Bauru – SP, Brasil, rosinha@faac.unesp.br

Bolognesi (2003) [2] estes espetáculos apresentavam cortejos para comemorar a vitória em guerras. As apresentações, exibiam cenas violentas como combate entre gladiadores, diferenciando-se do circo atual. Entretanto, durante as Olimpíadas na Grécia antiga apoiada sob o signo do esporte, apresentava números que se assemelhavam muito aos exibidos nos circos da atualidade, entre eles acrobacias, saltos e evoluções do corpo em aparelhos. Mais tarde, no Império Romano as práticas gregas tomaram seu impulsor. As apresentações contavam com exibições que por sua vez eram realizadas em anfiteatros, e entre os números apresentados, estavam: engolidores de fogo, gladiadores, animais exóticos entre outros. Todos os espetáculos possuíam caracteres religiosos e políticos.

Um pouco mais tarde na Inglaterra, desde 1758, surgiria uma nova forma de se apresentar números circenses, espetáculos ao ar livre começavam a ser realizados, homens exibiam suas proezas em pé sobre o dorso de cavalos. Entretanto, somente a partir de 1770 em Londres, foi criado pelo suboficial inglês e perito cavaleiro Philip Astley (1742-1814), o circo com o formato que conhecemos hoje, que na história, é conhecido como circo moderno. Diferente do que nos é apresentado nos circos, os espetáculos contavam exclusivamente com números de montaria. Suas apresentações tinham uma estrutura militar, com muita ordem e rigidez. De acordo com Torres (1998, p. 18) [7], somente mais tarde é que foi introduzido um cavaleiro mais desajeitado que, com suas peripécias em cima do cavalo, tiravam gargalhadas do público presente.

O circo manifestava a predileção pelo risco e pelo impossível. No circo moderno ao contrário das exibições na Grécia e Roma Antiga, não há o envolvimento do público em torno de uma disputa, que só elege um vencedor quando outro é derrotado, e muitas vezes sacrificado. No entanto, o que atrai atualmente no circo é a possibilidade constante da morte uma vez que pode ocorrer o fracasso do artista-acrobata diante do risco a correr e do limite a ser superado. Como Bolognesi (2003) [2] aponta valores antagônicos eram colocados em um mesmo espetáculo.

Ainda de acordo com tal autor [2], no Brasil o circo se tornou um espetáculo que mesclava predominantemente habilidades artísticas e corporais. As peças apresentadas eram uma sátira da população local e do império. Somente no final do século foram introduzidos feras e animais exóticos, atrativos que passou a diferenciar os circos de grande porte, aumentando o sucesso destas companhias maiores.

Antigamente, como Bolognesi (2003) [2] destaca, o povo ia ao circo exclusivamente para ver a performance do palhaço. Entretanto, o circo sofreu com a concorrência uma significativa decadência. Os espetáculos se diversificaram e mesmo, o palhaço que era a figura central do espetáculo passou a ser um tapa-buracos, entre uma atração e outra.

Mas, não é só difícil ter que se dedicar inteiramente ao circo, Duarte (1995) [3] alerta para outro problema vivido tanto pelos palhaços, como para os outros artistas: é a

relação de contratação e permanência no circo que desfavorece o artista. Segundo ela, apesar de adotarem o modelo empresarial, as companhias não garantem nenhum direito trabalhista.

E, é esta visão que fez com que grandes companhias investissem capital alto e passassem a se apresentar no mercado com espetáculos grandiosos, mistos de tecnologia, habilidades físicas e muita, mas, muita graciosidade, entre eles o Cirque du Soleil e o Circo da China. Seus artistas desafiam as leis da física e os limites do corpo. Estas companhias viajam o mundo inteiro, com vários espetáculos diferentes chegando a esgotar bilheterias logo que anunciam a estada de seu espetáculo a determinado lugar.

Conforme aponta Bolognesi (2003) [2], com os pequenos circos acontece o contrário, preferem um lucro menor, investindo em espetáculos que atendam a toda a população, se instalam nas periferias e apresentam um “espetáculo raiz”, mesclando artistas em encenações cômicas e números de trapézios, malabarismo, mágica, nos moldes dos antigos circos.

Os palhaços tidos por Bolognesi (2003) [2] possuem um repertório que trata de assuntos como fome, sexo, ambição, falta de dignidade, falta de identidade. No seu mundo há duas possibilidades, ou ser dominado, tornando-se submisso ou dominador, dando ordens, insultando, fazendo e desfazendo dos outros. O bom palhaço precisa ter conhecimento de mímica e ter voz e expressões simpáticas para cativar a plateia. Vejamos a seguir alguns tipos de palhaços.

TIPOS DE PALHAÇOS

Orfei (1996) [5], menciona diversos tipos de palhaços: A primeira descrição feita por ele é do palhaço branco, é o tipo que se veste elegantemente e possui o rosto pintado de branco, com leve maquiagem nas sobrancelhas e na boca. Suas atitudes são de pessoas sérias e inteligentes, faz a função de locutor, é sempre antipático, tenta parecer sabido, mas no final leva a pior do palhaço, que, de acordo com ele, para a alegria das crianças vence sempre.

O outro tipo de palhaço mencionado é o palhaço musical, tem como qualidades a simpatia e a grande habilidade com instrumentos musicais. Sequencialmente ele classifica o palhaço mímico, que é aquele que treina anos para conseguir um bom desempenho.

Há também o Toni da Camerino, ou palhaço de camarim, é o artista que está a disposição do espetáculo o tempo todo. Por último temos o palhaço acrobático, é aquele que em números acrobáticos faz papel de palhaço. Realiza os exercícios de forma ridícula e para isso necessita de grande habilidade acrobática. (Orfei, 1996, p. 213-214) [5].

Constatamos a mistura de todos estes tipos de palhaços durante a apresentação do circo Roda Brasil na cidade de Bauru, o espetáculo que possui outras atrações, tem nos palhaços seu carro chefe. O grupo é composto por quatro palhaços, que nem sempre atuam ao mesmo tempo, mas em

suas apresentações cantam, dançam, parodiam, fazem mímicas e convidam o público para brincar junto a eles no palco.

Ser palhaço não é nada fácil, requer, segundo Thebas (2005) [8], um exercício de corpo e alma. Para executar quedas, malabarismos, e outras peripécias que fazem no palco, o artista precisa se manter em forma para conquistar a agilidade e a resistência que a profissão exige. A alma é outro fator que tem que ser treinado, nem sempre alma e corpo estão em perfeita sintonia e, quando isso acontece sua exibição não sai conforme estava previsto.

Há, entretanto, palhaços que atuam em meios diferentes, e ao contrário de “deseducar” com suas atitudes, transmitem mensagens de paz, conforto de uma maneira irreverente. E quem nunca ouviu falar dos doutores da alegria, grupo de palhaços que, sem fins lucrativos, percorrem hospitais transmitindo uma palavra de alegria e conforto a crianças internadas.

Ao discorrer sobre todos estes meios de atuação e sobre os diferentes tipos de palhaço é possível notar a importância deste profissional em nossa sociedade. Em qualquer que seja a situação, eles estão sempre trabalhando para conquistar um único objetivo: o riso. Não importa que sejamos crianças ou adultos, ninguém resiste a uma boa palhaçada.

O CIRCO: DIFICULDADES E DESAFIOS

Muitos autores escreveram sobre a visão que as pessoas possuem dos artistas circenses. Desde a instalação do circo moderno, Torres (1998) [7] afirma que os artistas circenses sofreram preconceitos no decorrer da história. Duarte (1995) [3] em seu livro narra as dificuldades enfrentadas pelo circo e o teatro no século XIX.

O nomadismo também é questão de discussão, segundo Duarte (1995) [3], o circo não apresenta muita diversidade nos seus quadros, e, mudar-se constantemente é um recurso há séculos utilizados pelos circenses para a perpetuação do espetáculo.

Segundo Duarte (1995) [3] o circo em suas exibições, sempre foi um espaço com permissão para as pessoas rirem descontroladamente, gritarem e se comunicarem livremente, o circo não se apresenta com o objetivo de censurar nenhum de seus espectadores, mas sim de permitir que estes se divertissem sem censuras.

O circo como forma de entretenimento popular, segundo Magnani (1984) [4] sobrevive adaptando-se às características e gostos de seu público e às influências externas. Os palhaços garantem ao espetáculo esta proximidade com os seus expectadores. Bolognesi (2003) [2] e Duarte (1995) [3] apontam que, como qualquer artista popular, a situação do artista circense não lhe favorece, pois seus salários são baixíssimos, e não poderia ser maior, o circo é um espetáculo que tem gastos elevados e por cobrar ingressos simbólicos não conseguiria manter sua estrutura se pagasse salários mais altos.

O PALHAÇO PÁRA-QUEDAS

O circo, como já foi mencionado, é uma organização geralmente familiar, os ensinamentos são passados de pai para filhos, a família é responsável pela montagem e desmontagem da estrutura do circo e pela apresentação dos espetáculos. Mas como sempre há exceções, Carlos Alfredo Fogaça, o Palhaço Pára-quedas é uma delas, e sua história não é diferente de tantas outras. Não nasceu em uma família de circo, mas aos dez anos de idade juntou-se a uma trupe e saiu de Bauru.

Até hoje ele não se esquece da sua volta para a cidade de Bauru, relatou que tinha apenas quatorze anos de idade, era véspera de carnaval, as pessoas já estavam em festa. A primeira coisa que fez ao chegar foi procurar pela sua mãe, havia perdido o contato com ela, por sorte, ela ainda estava morando na mesma casa desde sua partida. No dia seguinte à sua chegada, foi se apresentar na porta de uma loja, quis demonstrar seu trabalho, não estava cobrando nada para isso, queria apenas mostrar que estes anos fora lhe serviram para adquirir experiência e domínio da arte de representar.

Não demorou muito, conseguiu fechar contrato com uma grande empresa de refrigerantes, logo faria apresentações por toda a cidade e começaria assim a ficar conhecido. Vale lembrar que isto estava acontecendo na década de cinquenta, e, segundo os moradores da cidade, era muito comum à presença de companhias circenses na cidade e na região. Os circos se espalhavam pelos bairros e muitas vezes havia mais de duas companhias instaladas na mesma cidade. Estas campanhas renderam muito ao artista e com suas economias conseguiu montar seu próprio circo.

Seu primeiro circo possuía uma estrutura modesta, sua equipe era pequena e as apresentações eram ao estilo circo-teatro. Fazia dupla com outro palhaço e nos moldes familiares conduzia seu circo. Com orgulho fala de como aprendeu muito enquanto esteve na estrada, teve que cozinhar, lavar as roupas e se esforçar no seu trabalho, para garantir assim seu sustento. Viajou por todo o Brasil, conheceu o país de norte a sul, e após abandonar o circo voltaria a muitas delas para se apresentar sozinho.

Depois de muito na estrada, veio a se casar, teve filhos e o nomadismo começou a ser um empecilho. Junto com a família veio também a preocupação com o futuro de seus filhos. Quando seu filho mais velho entrou em idade escolar ele vendeu todo o seu circo e voltou a sua cidade natal, comprou uma casa e voltou a se apresentar em lojas no centro da cidade e em outras cidades quando era solicitado.

Um pouco antes disso, definiu como seriam suas próximas apresentações, ao invés de outros palhaços, elaborou seu próprio estilo, passando a se apresentar com uma boneca de tecido, na qual ele intitula como Nega. Com a nega ele apresenta números de danças e pequenas encenações. Sua característica principal é o tipo jocoso. É

um dançarino com movimentos desengonçados, e se atreve a dançar qualquer estilo musical.

Seus filhos cresceram, estudaram e, o pai com seu trabalho conseguiu dar uma casa para cada filho. Chegou a ir até o Japão, levando em conta que uma de suas filhas morou alguns anos lá. Ao me relatar sobre tantas coisas que adquiriu em sua carreira, indaguei sobre a remuneração da profissão, ele me disse que antes eram muito bem pagas as apresentações de artistas, muitas vezes tinha que se apresentar de dia em uma cidade, pegar o ônibus para outra durante a noite para se apresentar novamente no dia seguinte. Esta jornada que durava semanas, ao ser concluída, dava quase para comprar uma casa. E foi assim que ele foi conquistando seu patrimônio. Conseguiu dar uma alavancada na vida dos filhos e garantir, em caso de emergência, sua sobrevivência. Entretanto, como não poderia deixar de ser, as apresentações começaram a ficar mais escassas, as pessoas passaram a solicitá-lo menos, afinal, sua atuação principal era na divulgação de pontos comerciais e a facilidade de divulgação nos meios de comunicação tornou este tipo de emprego desnecessário. Os cachês que já não eram tão bons quanto os que eram pagos antes, hoje chega a ser um terço menor. Em média por apresentações ela ganha R\$ 200,00 sendo que já chegou a cobrar R\$ 700,00.

Em virtude disso, outros meios tiveram que ser explorados para garantir o sustento da família, apesar de possuir alguns terrenos, não precisou ainda se desfazer de nenhum deles, entretanto, vive de maneira simples. Quando foi entrevistado para esta pesquisa em 2006, estava com sessenta e cinco anos de idade e ainda não havia se aposentado, para completar a sua renda e a da esposa, revendia bilhetes de loteria no centro da cidade e ela “fabricava gelinhos” para vender aos vizinhos.

Como qualquer artista de circo, Pára-quadras queria que seus filhos também admirassem e se interessassem pelas artes circenses, mas, segundo ele, somente um filho se interessou pela arte de ser palhaço, chegando a se apresentar com o pai algumas vezes e hoje, esporadicamente, se apresenta sozinho quando é contratado. Herdou a paixão do pai pelo espetáculo circense e sempre que ouve murmúrios sobre a presença de um circo na região, convida o pai e juntos viajam para assistir as apresentações. É bonito ver a relação que este filho tem com o pai, ambos dividem juntos este amor incondicional ao circo.

Outra questão levantada é a origem da inspiração do palhaço em fazer rir. Ele categoricamente responde que o palhaço ri por fora e chora por dentro. Ele garante que quanto maior a tristeza interna, melhor é a apresentação. Completa ainda que é só parar e observar os palhaços antigos que em seus rostos estão refletidas as suas tristezas, segundo ele, o verdadeiro palhaço é triste, exemplifica isso mostrando fotos antigas, onde sua expressão triste é unânime. Afinal, de acordo com Bolognesi (2003) [2] o que traz o sorriso ao rosto das pessoas são as trapalhadas, os tombos e as confusões em que os palhaços se envolvem, é a

desgraça que faz as pessoas rirem. Pára-quadras classifica que poucos cômicos que se apresentam atualmente, podem ser classificados como verdadeiros palhaços, acha que eles só estão atrás de dinheiro e não da magia que envolve a profissão.

Ele falou muito de si mesmo, e alguns dados que foram perguntados ele não se recordava, ele explica isso alegando que tem mais de cinquenta anos de carreira. Não só a memória foi afetada com a idade, há alguns anos devido aos poucos cuidados que ele tinha com sua saúde sofreu um princípio de infarto. Ao ser indagado sobre a perspectiva que tem sobre a profissão, garante que só vai parar de se apresentar quando não puder mais sair da cama. Apesar de afirmar que hoje não existem mais palhaços, Pára-quadras é exemplo de amor a profissão de palhaço, mostrando que nem tudo se resume a dinheiro e provando que a felicidade está presente quando fazemos aquilo que gostamos, quer seja na área profissional ou pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a evolução do circo desde a origem nas civilizações antigas até a transformação feita por Philip Astley, pode-se perceber que alguns caracteres foram transformados, mas muito ainda há de ser mudado. Apesar de não ser mais um espetáculo que tem a morte como atração principal, tem atualmente nas companhias a tecnologia como recurso essencial e classificador. Mas como muitos dos pesquisadores sobre o tema apontaram, hoje os ideais do circo giram em torno de um misto de ilusão, tensão e desejo, para que o que está sendo apresentado dê errado, são estes sentimentos que fascinam seus apreciadores. As crianças riem quando os palhaços caem ou sabotam seus companheiros, envolto a este jogo de doses violentas de humor, é que a profissão de palhaço é consolidada.

Os pequenos circos estão sendo engolidos pelos circos maiores e esta concorrência desleal está acabando com a essência desta forma de entretenimento popular, pois, quanto mais tecnologia, mais caro se torna o valor dos ingressos a serem pagos.

Outra questão que pôde ser constatada nesta pesquisa foi a situação do palhaço como artista popular. Bolognesi (2003) [2] Duarte (1995) [3] e outros que foram citados nesta pesquisa, relatam que desde muito antes, no século XIX os palhaços já eram pouco valorizados. As classificações vão desde grotesco, vagabundo, perturbador, etc. Entretanto, ao entrar em contato com um profissional vê-se que a história é outra. As entrevistas realizadas demonstraram também a grandiosidade desta profissão. Tanto o discurso de Raul Barreto, palhaço do circo Roda Brasil ou mesmo o do palhaço Pára-quadras permitem refletir sobre o que se passa na vida de um palhaço.

Outra forma de mostrar a importância dos palhaços foi foi adentrar um pouco à biografia do grandioso palhaço

Pára-quadras. Começou jovem e mostrou que talento se consegue com os anos. Basta olhá-lo para reconhecer o palhaço em seus olhos, cada gesto e cada fala provam o que Avanzi (2004) [1] relatou sobre sua vida de palhaço, realmente, parece que o palhaço se entranha no corpo, e não adianta lutar contra isso.

Há muito ainda que se pesquisar sobre o assunto, e basearmo-nos em alguns nomes e em biografias foi nosso primeiro passo, para conhecer um pouco do cotidiano do artista circense, deve-se estar inserido nele, como Magnani (1984) [4] mesmo descreve em “Festa no pedaço”, devemos fazer parte do “pedaço”. Contudo, o que foi aprendido durante a execução desta pesquisa servirá de impulso para a propagação do amor que movem as pessoas a compreender e prestigiar o espetáculo circense e, em especial a figura do palhaço bauruense, que mesmo com a escassez de recursos e de apresentações, não desiste de propagar o riso. Suas limitações aparentam ser grandes, mas sua vontade de superar qualquer empecilho, quer seja o avançar da idade ou a falta de contratações. Seu bom humor é contagiante, e mesmo afirmando ser triste por dentro, não deixa de fazer sorrir quem está ao seu redor.

REFERÊNCIAS

- [1] AVANZI, R. *Circo Nerino*. São Paulo : Códex, 2004
- [2] BOLOGNESI, M. F. *Palhaços*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- [3] DUARTE, R. H. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- [4] MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura e lazer na cidade de São Paulo*: Brasiliense, 1984.
- [5] ORFEI, A. *O circo viverá*. São Paulo: Mercuryo, 1996.
- [6] SANTOS, V. *Riso em cena: dez anos de estrada dos Parlapatões*. São Paulo: Estampa Editora, 2002.
- [7] TORRES, A. *O circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Funart, 1998.
- [8] THEBAS, c. *O livro do palhaço*. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2005.